

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Cosího



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.788

Domingo, 21 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officina de impressão—Rua da Atalvia, 115 e 117

## REGO CHAVES

# O povo negro de Angola carne para negócio, aima para sofrimento, corpo para escravatura!

O leitor que mouteja e produz sob o  
aguião do alívio que mal lhe chega  
para comer, lamenta, e com razão, a  
sua dura sorte. A vida é um martírio.  
A oficina, o escritório, a mina, são pri-  
meiras fontes de dor e de sofrimento.  
A oficina, o escritório, a mina, são pri-  
meiras fontes de dor e de sofrimento.  
A oficina, o escritório, a mina, são pri-  
meiras fontes de dor e de sofrimento.

Entretanto, o leitor—apezar das suas  
horribes condições económicas—tem a  
noite, depois de jantar, ou de manhã,  
ao almoço, uma chávena de café, que  
lhe dá uns momentos de prazer, bebe  
em qualquer leitaria um copo de sabo-  
roso cacau ou de delicias; fuma um cigarro  
que o satisfaz; tem em sua casa, pe-  
lo menos, uma vela de cera para ali-  
má-lo; possui uma borraça com que  
apaga os traços incertos de um dese-  
jo; a lapta que seu filho esboça—ro-  
deia-no, enfim, pequenos nadas, sobre  
os quais não meditou um instante, cu-  
proveniência longínqua o não preocupa,  
que lhe dão breves momentos de  
prazer, embora passageiro, efêmero—  
mas prazer.

Porém, se o leitor que com tanta ra-  
diar a sua vida, pensa contra a sua vida  
barulhosa, pensar em quantos sacri-  
fícios custam neste mundo o café que be-

be, o cacau que o estimula, o cigarro que  
fuma, a borraça que divide o seu gar-  
to, a vela que ilumina o seu quarto  
pobre; se o leitor dirigir o seu pensa-  
mento fraternal para o povo negro, que  
lá longe, nessas colónias confusas, sofre  
e geme para que o produto do seu tra-  
balho de escravo seja para nós, egoístas,  
breves instrumentos de prazer, insigni-  
ficantes utensílios que alguns tostões  
pagam—todas essas ninharias assumi-  
ram um aspecto diferente, simbolizaram  
a tortura máxima, a dor mais pungente  
e aflictiva... E se o leitor bem reparar,  
talvez note nesses objectos as manchas  
do sangue que os negros derramaram  
no sacrifício que lhe impõem, em holo-  
causto à civilização.

Angola tem sido a província mártir  
da África portuguesa. O seu povo vem  
sendo há longos anos sangrado impiedosa-  
mente por emigrações forçadas.

Esse Brasil imenso, hoje tão próspero,  
tão florescente, tão cheio da sua inde-  
pendência, foi um verdadeiro alívio de  
gen e de Angola. Os portugueses não  
despovoadam regiões inteiras, passaram  
como ciclones devastadores sobre po-  
pulações e tribus e levaram algemados,  
aos montes, no fundo dos porões, es-  
cravos, carne humana, máquinas de  
produzir riqueza, para as grandes ro-  
ças do café, para as vastíssimas herdades  
que hoje são a grande, a enorme  
riqueza do Brasil.

A esmagadora maioria da população  
trabalhadora das ilhas de São Tomé e

Príncipe foi durante dezenas de anos  
constituída por escravos de Angola—  
autênticos escravos que eram caçados  
como feras, e levados, em rumas, como  
caixas de conserva, para as roças de  
onde não voltavam.

Hoje a população negra dispersa por  
essa província imensa, catorze vezes  
maior do que Portugal, pouco mais  
longe irá de quatro milhões de almas.  
E' uma região depauperada, esgotada,  
exausta. E' como um corpo enorme e  
belo ao qual tivessem sugado quasi  
todo o sangue que lhe corria nas veias.

No Brasil já não há escravos. Os ne-  
gros descendentes dessas gerações mar-  
tizadas de Angola são hoje trabalha-  
dores livres e muitos deles assimilaram  
a civilização com tal facilidade que não  
se virgem encontrá-los nos cargos de  
maior categoria social.

Ultimamente a escravatura—a escravi-  
tude disfarçada em leis vistosas de  
protecção ao indígena—quasi se exer-  
cia exclusivamente nas propriedades da  
província aludida e no envio, agora  
suspensão, do contratado para as roças  
de São Tomé e Príncipe.

Segundo a lei, o preto é livre, isto é,  
só irá trabalhar quando quiser e para  
onde lhe apetece. O trabalho, princi-  
palmente nas ilhas de São Tomé e Prin-  
cipe, é árduo, brutal, fatigante, exau-  
stivo. Imaginai um sol dardejante, esma-  
gador, capaz de fundir as próprias pe-  
dras dos caminhos, um sol que produz  
nos pés descalfados a impressão dolorosa  
da queimadura aplicada por um ferro

em brasa, um sol impiedoso incidindo,  
desde a manhã até à noite, sobre o  
corpo do servil! Onde está o homem  
que, consciente dos perigos que virá a  
correr, ofereça de boa vontade, volun-  
tariamente, os seus braços para esse  
trabalho bárbaro, mediante um orde-  
namento mensal de quinze escudos? Ilus-  
tão, leitor, que tanto asco tens à oficina  
infecta onde trabalhas—paraíso sedutor  
comparado com o inferno abrasador das  
roças?

Como o negro, apesar da sua inteli-  
gência rude, não aceita voluntariamente  
essa escravidão, usam-se todos os truc-  
es, todas as manias para apanhá-lo. O mais  
vulgar é o que se emprega com os ne-  
gros que vêm em grandes grupos, car-  
regados de cera, de borraça ou outros  
produtos para negociar às povoações mais  
importantes.

Seduz-se o negro, oferecendo-se-lhe  
aguardente. Instruí-se previamente um  
intérprete que é premiado com uma boa  
gorjeta. E quando o rude negro, en-  
ternecido pelo álcool está desprevenido,  
começa-se a aplicar a lei de protecção  
ao indígena... O contratado, repre-  
sentando uma autêntica comédia, diz  
para o intérprete:

—Pergunte a esse homem se quer ir  
trabalhar para umas propriedades em  
tal parte, mediante o salário de X...  
E o intérprete, ensaiado devidamente,  
profere, no idioma do preto embriga-  
do:

—Ouve lá, pergunta o patrão se que-  
res aceitar um pano bonito e bom...  
Ou então:  
—Diz o branco se queres uma espín-  
garda.

E o bom preto, sensibilizado com tanta  
gentileza do branco, responde ingê-  
nuamente que—sim.

Regista-se imediatamente que o po-  
bre preto aceita, com alegria, ir mor-  
rer, por um salário miserável, sob o sol  
dardejante que abrasa as roças de São  
Tomé ou as herdades de Angola.

Depois, se o desgraçado negro se  
apercebe do logro e quer regressar à  
sua terra, entra-se no domínio da vio-  
lência. «Malandro! recusa-se a traba-  
lhar!» E algema-se para não fugir e,  
também é diário e constante, agridio-  
violenta e brutalmente para não pro-  
testar!

Lá longe, nas suas pilhotas, nas suas  
povoações, os filhos e as mulheres es-  
peram em balde o regresso dos seus  
pais, dos seus esposos. E o negro vai  
para a tortura, vai para a morte, por-  
quanto muitos morrem de saudades e há  
tão o que se suicidam heróicamente  
para não sofrer aquela vida infernal  
noventa, segundo a sua religião, depois  
de mortos, as suas almas evolvem-se pu-  
ras ao azul radioso do horizonte afri-  
cano e vão reincarnar-se noutros cor-  
pos e viver felizes, junto daqueles que  
amam, salvos das garras civilizadas  
dos brancos, na paz serena e tranquila  
do sertão.

Leitor: sou mulato. Minha mãe, nasci-  
da em Angola, foi assim arrancada  
brutalmente aos seus, à sua terra, ao  
seu lar e vendida como es-  
crava para a ilha do Príncipe. Meu pai  
é branco e bondoso. O melhor atestado

que poderei passar à limpeza da sua  
alma e à reclusão do seu carácter está  
em revelar publicamente que, ao cabo  
de desvoto anos de trabalho em África,  
voltei para Lisboa tão pobre como  
para lá partiu. Tenho por ele, além da  
estima filial, toda a consideração que  
se merece os homens que atravessa-  
ram o continente africano sem negociar  
um preto nem lhe roubar uma proprie-  
dade. Mas a minha mãe, que morreu  
na flor da idade, vitimada por esse tra-  
balho iníquo da roça, por esse sol im-  
piedoso que derruba as vidas mais for-  
mosas e esmaga os corações mais puros,  
ela dedica estas palavras, porque ela  
é para mim o símbolo da África mártir,  
a África oprimida, a África dolorosa.  
Senão o sentimento de solidariedade  
humana, pelo menos o sangue que me  
gira nas veias, o colorido acobreado que  
me cobre o corpo, obrigam-me moral-  
mente a lutar pelo bem-estar dos afri-  
canos e honrá-los com um combate in-  
teligente, superior e forte pelas suas  
liberdades e pelos seus direitos.

Não me envergonho, antes me orgu-  
lho, da cor que possuo. Ela, apesar de  
todos os enaves que lhe opõem, ainda  
floresce em talento, no século XVI, num  
Fernão Alvarez navegador e poeta; num  
padre António Vieira, o primeiro  
orador português; mais modernamente  
num Alexandre Dumas e num René  
Marian. Os homens valem pela superio-  
ridade do seu espírito, pela grandeza da  
sua moral, pelo valor das suas obras.  
Por isso, apesar da minha cor e da  
minha raça, eu quero elevar o meu es-  
pírito acima de todos os preconceitos  
para, colocando-me apenas no ponto de

vista de uma cidade e de Justiça, pre-  
guntar-te, leitor, se esse Régio Chaves,  
que desfilou os dinheiros públicos ne-  
gociando com algumas casas bancárias  
o produto do esforço, do sofrimento,  
do trabalho de seis milhões de portu-  
gueses, será a pessoa idónea, recta, ju-  
sta, capaz de ir para Angola proteger o  
ingênuo negro das arremelidas bárbaras  
dos pseudo-civilizados contratadores.  
Ligado, por meu pai, aos brancos,  
aos portugueses que têm na sua histó-  
ria de ouro dos descobrimentos a man-  
cha sangrenta da escravatura; ligado  
por minha mãe a essa raça de mártires,  
de vítimas da brutalidade de alguns al-  
gozes, tenho especial autoridade para  
servir de juiz nesta contenda e dizer  
aos primeiros que, pelo brio, pela tran-  
quilidade de consciência — os que  
possuem—urge impedir por todos os  
meios a persistência no crime; aos se-  
guidores dir-lhes hei apenas: a liberdade,  
e a equidade são direitos humanos que  
não se dão por esmola—conquistam-se.

A cooperação das duas raças—branca  
e negra—envolvidas num fraternal  
amplo, pode fazer de Angola, um Brasil  
independente, próspero e livre.

Não são, porém, um Régio Chaves,  
branco reles e pequenino de espírito,  
nem um Alberto Xavier, negro cúmplice  
de negócios sujos, os capazes — nem  
aquele para realizar a alta obra civiliza-  
da de que a província de Angola ci-  
dadela os dinheiros públicos.

Pobre povo de Angola—carne para  
negócio, alma para sofrimento, corpo  
para escravatura.

Mário DOMINGUES

## O movimento das "fôrças vivas"

O sr. Raúl Monteiro Guimarães, poz em leilão,  
na Associação Industrial, O SÉCULO e o NOTÍCIAS

### QUEM DÁ MAIS? QUEM DÁ MAIS?

A harmonia do vistas custou  
um pouco a restabelecer-se, ante-  
tudo, na Associação Industrial.  
Duve, para se conseguir essa har-  
monia uma troca ruidosa de in-  
sultos entre os assistentes, alguns  
dos quais «ordeiramente», amea-  
çaram de esmurrar-se. Entre ou-  
tros, falou o já nosso bem conhe-  
cido João Pereira da Rosa, que  
tom andado numa dobadora de  
associação para associação. Ele  
vai à Associação Comercial bara-  
fustar, à Associação dos Lojistas  
indignar-se, e, por último, foi à  
Industrial, discursar do mesmo  
modo irracional. A Confederação  
Patronal parece que soube esco-  
lher bem o seu agente: do facto,  
não falta ao sr. Pereira da Rosa,  
nem energia, nem audácia. Em  
todas as associações ele tem con-  
seguido predominar, de modo que  
os seus desígnios, ou antes os de-  
sígios da Patronal, terão a sua  
realização assegurada. O sr. Raúl  
Monteiro Guimarães está por ele,  
mas diz que já não é da Moagem,  
a quem trata por «potentador».

As nossas afirmações não são  
feitas no ar, nem estamos levan-  
tando campanhas em nome dum  
bato. Todas as nossas declara-  
ções são baseadas em factos, e,  
já várias vezes, quasi desde o seu  
início, temos vindo citando tudo o  
que a ela serve de confirmação.  
Hoje é o «Mundo» quem con-  
firma os maneios das «fôrças vi-  
vas» e da Patronal que é a sua  
carbonária, mostrando-se alarma-  
do com a propaganda intensa e  
decearada dum movimento con-  
servador, dura lidadura de com-  
petências. Merece ler-se, pois tra-  
ta-se do «Mundo», isto é, um jornal  
que bastas vezes nos tem forçado  
a retorquir, com energia, aos ata-  
ques que nos têm movido. Passa-  
mos a reproduzir o início do seu  
«faleado» do ontem:

«Anda aí a insinuar-se a necessidade  
de um movimento revolucionário para  
em ditadura de competências e com o  
apoio das fôrças económicas, resolver  
a crise nacional. Esta gente endoideceu!  
já são, pelo visto, factos tão antigos as  
ditaduras de competências do general  
e do major, que se pensa que os re-  
publicanos esqueceram o que essas ex-  
pressões significam! Quem apregoa a do-  
trina? O «Dia». Quem lhe dá a sua be-  
nção apostólica? A «Epoca». Moreira de  
Almeida e Fernando de Sousa. Os mes-  
mos. Os de sempre. Os homens para  
quem a República é o eterno cabrio!»

O artigo do «Mundo» que tem o  
significativo título de «Alerta!», fe-  
z desta forma:

«Na hora em que os três governos  
extraordinários estão de oratório, mun-  
do além, seria ridícula, além de tudo,  
a solução preconizada pelos amigos de  
todas as ditaduras. Mas como há cri-  
turas capazes de tudo, até de arrasta-  
rem com as garralhas gerais, não fica  
mal a um jornal como «Mundo» chamar  
a atenção de todos os republicanos para  
os intentos de tais patriotas. Cá ficarem  
no nosso posto, de sentinela, para o  
que der vier.»

Escusamos de lhe acrescentar,  
por nossa parte o mínimo comen-  
tário. Dispensável também se tor-  
na a apreciar os discursos pronun-  
ciados na associação pois são a re-  
edição dos das restantes assem-  
bleias de «fôrças vivas» e pronun-  
ciados pelos mesmos meneurs. Há  
apenas a assinalar as declarações  
do sr. César da Silva que afirmou  
que os exploradores do proletaria-  
do não são inimigos do... pro-  
letariado. O mesmo sr. afirmou  
que os patrões viriam junto dos  
operários explicar-lhes que os ma-  
les de que eles sofrem só ao go-  
verno são devidos. Cá ficamos a  
espera...

A audácia e o impudor das fôrças  
vivas não são indiscutíveis. Ontem, na  
Associação Industrial escreveu-se de  
insultos a imprensa mas preten-  
deu-se leiloá-la depois. Mas preten-  
de-se: quem desdenha quer com-  
parar...  
O sr. Raúl Monteiro Guimarães

foi interrogado por um orador  
porque motivo não tinha feito a  
Moagem, por intermédio do Séc-  
ulo e do Notícias, a defeza dos in-  
teresses das fôrças vivas. Depre-  
endeu-se desta pergunta que a  
Moagem, com os seus jornais,  
para pensar muito nela própria,  
se esqueceu um pouco dos seus  
amigos das fôrças vivas.

O sr. Raúl Monteiro Guimarães  
—ou não fosse quem é—respon-  
deu que já não dirigia o Séc-  
ulo e o Notícias. Foi tempo... Mas, o  
Monteiro Guimarães confessou  
que tinha uma ideia esplêndida  
que os seus colegas das fôrças vi-  
vas poderiam aproveitar e reali-  
zar. Diante da curiosidade da  
assembleia apresentou, com toda  
a tranquilidade, o seu alvitre:  
«porque não se juntavam vários  
grupos de capitalistas para adqui-  
rir o Séc-ulo e Notícias? Os outros,  
é claro, não responderam. O al-  
vitre exige dinheiro para a sua  
realização e, quando se trata de  
dinheiro, eles precisam de pensar  
primeiro...

Contudo, é bom acentuar que  
nenhum repeliu a proposta. Todos,  
em princípio, a acharam boa.  
Como se vê, o cinismo atingiu o  
máximo: já se discute em público  
a opinião dos jornais. Estão em  
leilão o Séc-ulo e o Notícias. Quem  
dá mais? Quem dá mais?  
Em caso de necessidade o sr.  
Raúl Monteiro Guimarães faz de  
pregoeiro...

Comício adiado  
Não se realiza hoje, como estava  
anunciado, mas na próxima quinta-fei-  
ra, às 20 e meia horas, no Teatro Na-  
cional, o comício público de protesto  
contra a campanha que os dirigentes  
das chamadas «fôrças vivas» estão fa-  
zendo tendente a impedir a melhoria  
cambial e dos preços e a exigir um novo  
aumento de circulação fiduciária.

Trabalhadores:  
Contribui com 1 escudo!

## U. S. O.

### Conselho de delegados

Para um assunto de máxima urgência  
é convocado o Conselho de Delegados  
a reunir hoje pelas 14 horas.

Dada a importância do assunto é im-  
prescindível a comparencia de todos os  
delegados.

### Na Itália fascista

Os advogados contra a cen-  
sura à imprensa  
HURIM, 20.—O Congresso dos  
advogados Italianos, reunido nes-  
ta cidade, resolveu solicitar do  
governo a maior e mais comple-  
ta liberdade de imprensa, termi-  
nando-se imediatamente com a  
censura aos jornais.

### Uma reclamação da Maço- naria

ROMA, 20.—O gran-mestre da Ma-  
çonaria italiana escreveu uma carta a  
Mussolini, protestando contra o assalto  
dos fascistas a algumas «lojas» que des-  
truíram completamente, e solicitando  
que vele pela fôrça aplicação da lei,  
mesmo quando se trata de franco-  
maçons.

### O vespeiro marroquino

Os espanhóis continuam re-  
cuando  
MADRID, 20.—O comunicado oficial  
de Marrocos diz se realizou a evacuação  
da posição de Kala, tendo a aviação  
cooperado nas operações militares e no  
abastecimento das posições cercadas  
pelo inimigo.

### Os rifenhos derrubaram um aeroplano

LONDRES, 20.—Comunicam de Tan-  
ger que continuam os combates com as  
colunas espanholas enviadas em  
socorro de Gorgues. Os rifenhos der-  
rubaram um aeroplano espanhol den-  
tro das suas linhas, morrendo o oficial  
e o piloto que o tripulavam.

• MAIS UM SENSACIONAL NUMERO •  
do Suplemento de "A BATALHA"  
• E' POSTO AMANHÃ A VENDA •

### SUMARIO

A Assistência do Estado.  
A sindicalização da mulher operaria—Resposta  
a um inquérito.  
Como eles respeitam as leis.  
A verdade na literatura, por Ferreira de Castro.  
Os grandes compositores musicais, por No-  
gueira de Brito (com retratos).  
Touradas—escolas de imoralidade e de crime,  
por Carvalho Duarte.  
Vida literária e Gomes Leal, por Julião Quin-  
tinha (com retratos).  
Palestras sobre higiene, pela médica Adalina  
Cabele.  
O trabalho dos tipógrafos, pelo dr. João Ca-  
moêças.  
Fotografia artística — «cliché» de Antonio dos  
Santos.  
O que todos devem saber... (com gravuras).  
Chico, Zecas & C. (com gravuras).

## Dualidade de critério

O sr. governador civil que recebe ordenado  
e não gorjeta pretende que trabalhadores  
recebam gorjeta e não salário

Há ou não o direito à greve? Diz o  
operariado que sim, afirma o governa-  
dor civil que não. Donde vem o nega-  
do sr. governador civil? Do seu  
capricho, do eterno critério que as au-  
toridades ultimamente vêm seguindo,  
pretendendo obrigar os trabalhadores a  
aceitar pela força, pela coacção, pela vio-  
lência, as condições de trabalho que os  
patrões lhes pretendem impor. Ou a cul-  
tura do sr. governador civil é nula,  
o que não acreditamos, ou a sua es-  
gueira é grande, o que também pômos  
em dúvida. O que deve ser mais certo é  
o sr. governador civil, viver na doce  
mas perigosa ilusão de que o operário  
de hoje se assemelha ao escravo de on-  
tem. E aí deve estar a explicação da sé-  
rie quasi intermitente de arbitrariedades  
que vêm praticando com o intuito de  
forçar os Empregados de Cafés, Hotéis  
e Restaurantes a retomar o trabalho.

Além de tudo, a atitude do sr. go-  
vernador civil é indecorosa. Ela tem  
por objectivo favorecer os donos dos  
hotéis, cafés e restaurantes. Não pode  
julgar-se doutro modo o procedimento  
da primeira autoridade distrital. Obrigar  
os grevistas a retomar o trabalho,  
empregando-se para isso todas as co-  
acções e brutalidades, significa fazer o  
jogo dos patrões. O sr. governador  
civil é pela gorjeta? Parece que sim.  
Mas com que interesse? Não é o sr.  
governador civil proprietário do café  
Nacional ou sócio da firma que o ex-  
plora, como o seu correligionário sr.  
António Maria da Silva, Não é também  
assalariado em qualquer desses estabe-  
lecimentos.

E' por gostar de ir ao restaurante  
dar-lhe por favor aquilo que devia con-  
stituir um direito, pois os que se en-  
contram actualmente em greve têm direito  
a ter um salário.

Ainda outro caso. O sr. governador  
civil, tem um lugar permanente no fun-  
cionalismo, para onde regressará desde  
que se dê na situação política uma mu-  
dança de pessoal ou de partido. Ocupa  
o cargo de Comissário Geral dos Ser-  
viços de Emigração. Nesse lugar tem  
um ordenado, um vencimento mensal.  
Imagine agora, q dr. sr. Felipe Mendes  
que não tinha ordenado. Sabe o que lhe  
acontecia? Teria de viver de gorjetas—  
gorjetas de emigrantes, gorjetas dos  
agentes de passaportes. E o dr. sr. Fe-  
lipe Mendes como não tinha ordenado,  
tinha de aceitar as gorjetas que soma-  
das prefazião um vencimento e teria  
que dizer com um sorriso amável, um  
sorriso de bailarino:

—Muito obrigado sr. Beltrano.  
—Agradecido a V. sr. Sicrano da  
Silva.

E' claro que, a certa altura, a sua  
consciência lhe gritaria:  
—E' indecente que esteja a agrade-  
cer constantemente, durante o dia e to-  
dos os dias, como migalhas dadas num  
lar de humilhante esmola, o dinheiro

que devia constituir um vencimento  
mensal ou semanal como os outros fun-  
cionários e como os operários.

Desde esse dia que aspiraria a con-  
dição de trabalhador, o sr. governador  
civil, abolido para sempre uma gorjeta  
vexatória. Se assim é, e contra maneira  
não podia ser, não se compreende, nem  
se justifica, a condenável atitude que o  
sr. governador civil tem assumido neste  
conflito.

Proibiu-os de reunir. Foi-se à sua  
associação que está legalmente consti-  
tuída e cercou-a de polícias. Ninguém  
lá pode entrar, estando a entrada va-  
diada até ao corpo administrativo. Os  
calabouços do governo civil estão pa-  
jados de grevistas que apenas comete-  
ram o delito de serem solidários com  
a classe a que pertencem.

Ameaça os grevistas de nacionali-  
dade espanhola com a expulsão do país  
em que há tantos anos residem e tra-  
balham. Proibiu uma reunião de dele-  
gados da U. S. O. só pelo facto de nela  
ser apreciada a greve contra a gorjeta.

A sanha do sr. governador civil vai ao  
ponto de não consentir que a organiza-  
ção operária aprecie uma greve.

Toda esta lista de arbitrariedades so-  
mada dá uma prova triste—uma prova  
de subserviência das autoridades para  
com um bando de exploradores que fal-  
sificam alimentos e bebedoras nesses cafés,  
hotéis e restaurantes existentes pela ci-  
dade e que podem ser, simbolicamente,  
representados pelo pinhal da Azam-  
buja...

O Conselho de Secções do S. U. da  
Construção Civil, reunido, na sexta fei-  
ra, aprovou um enérgico protesto con-  
tra o facto de, arbitrariamente, a au-  
toridade haver proibido a reunião da U.  
S. O. para, num legítimo direito, res-  
taurar a greve dos criados de hotéis e res-  
taurantes e outros assuntos.

Igual resolução foi tomada pela  
secção Profissional dos Canteiros e Po-  
lidores de Mármore e operários do  
Município.

Os trabalhos dos marítimos de Buar-



## TEATRO

EMPRESA LUIS PEREIRA  
Hoje-às 21,15-Hoje  
Primeiro domingo em que se apresenta a farsa de Lepina  
Noite de gargalhada

Grandioso sucesso com

## O HOMEM DO PAPAGAIO

comédia em 3 actos

## POLITEAMA

TELEFONE NORTE 3023

Preços ao alcance de todas as  
bolsas: «Fauteuils», 7\$00 e 10\$00;  
Camarotes, 35\$00 e 50\$00; Geral,  
2\$50.

## AS GREVES

## Empregados de Cafés, Hotéis e Restaurantes

## NOTA OFICIAL

O governador civil, quando aqui lhe dissemos que tinha armado em pavão, disse a alguém que ainda era mais do que isso, e de facto hoje assim o constatamos.

O pavão sente-se ufano com a sua plumagem, mas quando olha para os pés entristece, murcha e perde a linha. Com aquela autoridade sucede o mesmo facto!

Porque é governador civil julga-se omnipotente e vá de agravar o conflito por todas as maneiras.

O já célebre edital immortaliza-o pelo tremendo fiasco que fez.

Os grevistas decerto já sabiam que ele não viria resolver o conflito, mas pelo menos o não agravasse.

As suas medidas, as suas energias, o seu fenómeno editorial demonstram-nos que estamos em frente mais de um alcinado do que de um homem que tinha por obrigação não perder a «linha» em vista da ocasional situação em que está colocado.

O «comité» afirma categoricamente que quem tem a responsabilidade desta greve não está já solucionada é o governador civil.

Se lhe tivesse deixado os grevistas negociar com os patrões, se ele não se pusesse sistematicamente ao lado deles, se, enfim, tivesse a compreensão de qual deve ser a sua missão não teria intervalos no conflito, e quando o fizesse fôsse com o sentido de fazer cessar o conflito e não agravá-lo.

O seu edital?... Quando terminará o Carnaval para sua ex.ª? E quererá que os grevistas se tomem o trabalho sem lhes ser dada uma satisfação?

Isso nunca!

Os grevistas são homens de dignidade, terão muito que lutar mas não se venderão com a facilidade que os patrões, com o governador civil à frente, julgam.

Não ameaçamos porque já não vale a pena, aconselhamos simplesmente que mudem de atitudes. A violência de cima gera a violência de baixo.

Não nos encerram a associação, mas não nos deixam lá entrar!

O «comité» não é de esquerda. Está cheio de presos, porque são grevistas. De forma que nem liberdade de reunião, nem liberdade de reclamação, só temos liberdade para nos deixarmos espremiar e morrer de fome!

Somos homens que prezam a sua dignidade acima de todas as coisas e por ela lutaremos até vencer. E até lá o grito de todos será sempre:

Viva a greve!  
Viva a U. S. O.  
Viva a Batalha!

O comité.

## Capitães da pesca

NOTA OFICIAL DO «COMITÉ»  
Presados camaradas: A greve vai em bom caminho. Dentro em breve veremos satisfeitos as nossas petições. Os perigos da insidia estão afastados com a descoberta dos que trabalhavam na sombra. O vendilhismo-mór das classes, que diz defendê-la está mais do que nunca desmascarado.

Mantenham-se firmes e enérgicos. A união das classes trabalhadoras será o único factor da nossa vitória. Os armadores estão reconhecendo a justiça do nosso pedido e mostram-se dispostos a chegar a um acordo.

Mais uns dias e estarão satisfeitos as nossas petições.  
Viva a greve dos capitães da pesca!  
Viva a Federação Marítima!  
Viva a Batalha!

Fundidores da Fábrica Portugal  
Continuam na mesma atitude os grevistas fundidores da Fábrica Portugal. Ontem afiliu à sede do sindicato grande número de queixas, auxílio esse que muito vem encorajar os camaradas em luta. Pedem-se a todos os camaradas que ainda tenham em seu poder algumas

coas e Viana de Castelo satisfazem também não só esta comissão como a orientação da organização marítima.

Quanto aos primeiros pedem para que seja abolido o imposto de 11% sobre o pescado e ainda o pagamento do ad-valorem, e o pagamento por cada metro de tranqueira quando de secagem de peixe. Os marítimos de Viana de Castelo e Póvoa de Varzim, reclamam contra o abuso das tranqueiras e uso de dinamite, e também contra o facto de estarem por tempo indeterminado navios estrangeiros, que se empregam na pesca clandestina, a fazerem vendas de vestuário recebendo em troca sardinhas, em grande quantidade que transportam para os seus países.

A comissão volta novamente a lembrar aos sindicatos - que lhes enviou a cota de adesão, nomes dos delegados ao Congresso, e os trabalhos que pretendem apresentar.

Na próxima terça-feira, às 9 horas da manhã, reúne a comissão para ultimar algumas teses, não devendo faltar os seus componentes. A comissão aguarda a resposta dos marítimos do Funchal, e fatal para onde seguiram por não própria officios sobre o Congresso.

VIDA POLITICA  
Centro Socialista de Lisboa.  
Reúne depois de amanhã a assembleia geral para continuação de trabalhos.

## Empregados de Cafés, Hotéis e Restaurantes

## NOTA OFICIAL

O governador civil, quando aqui lhe dissemos que tinha armado em pavão, disse a alguém que ainda era mais do que isso, e de facto hoje assim o constatamos.

O pavão sente-se ufano com a sua plumagem, mas quando olha para os pés entristece, murcha e perde a linha. Com aquela autoridade sucede o mesmo facto!

Porque é governador civil julga-se omnipotente e vá de agravar o conflito por todas as maneiras.

O já célebre edital immortaliza-o pelo tremendo fiasco que fez.

Os grevistas decerto já sabiam que ele não viria resolver o conflito, mas pelo menos o não agravasse.

As suas medidas, as suas energias, o seu fenómeno editorial demonstram-nos que estamos em frente mais de um alcinado do que de um homem que tinha por obrigação não perder a «linha» em vista da ocasional situação em que está colocado.

O «comité» afirma categoricamente que quem tem a responsabilidade desta greve não está já solucionada é o governador civil.

Se lhe tivesse deixado os grevistas negociar com os patrões, se ele não se pusesse sistematicamente ao lado deles, se, enfim, tivesse a compreensão de qual deve ser a sua missão não teria intervalos no conflito, e quando o fizesse fôsse com o sentido de fazer cessar o conflito e não agravá-lo.

O seu edital?... Quando terminará o Carnaval para sua ex.ª? E quererá que os grevistas se tomem o trabalho sem lhes ser dada uma satisfação?

Isso nunca!

Os grevistas são homens de dignidade, terão muito que lutar mas não se venderão com a facilidade que os patrões, com o governador civil à frente, julgam.

Não ameaçamos porque já não vale a pena, aconselhamos simplesmente que mudem de atitudes. A violência de cima gera a violência de baixo.

Não nos encerram a associação, mas não nos deixam lá entrar!

O «comité» não é de esquerda. Está cheio de presos, porque são grevistas. De forma que nem liberdade de reunião, nem liberdade de reclamação, só temos liberdade para nos deixarmos espremiar e morrer de fome!

Somos homens que prezam a sua dignidade acima de todas as coisas e por ela lutaremos até vencer. E até lá o grito de todos será sempre:

Viva a greve!  
Viva a U. S. O.  
Viva a Batalha!

O comité.

## Capitães da pesca

NOTA OFICIAL DO «COMITÉ»  
Presados camaradas: A greve vai em bom caminho. Dentro em breve veremos satisfeitos as nossas petições. Os perigos da insidia estão afastados com a descoberta dos que trabalhavam na sombra. O vendilhismo-mór das classes, que diz defendê-la está mais do que nunca desmascarado.

Mantenham-se firmes e enérgicos. A união das classes trabalhadoras será o único factor da nossa vitória. Os armadores estão reconhecendo a justiça do nosso pedido e mostram-se dispostos a chegar a um acordo.

Mais uns dias e estarão satisfeitos as nossas petições.  
Viva a greve dos capitães da pesca!  
Viva a Federação Marítima!  
Viva a Batalha!

Fundidores da Fábrica Portugal  
Continuam na mesma atitude os grevistas fundidores da Fábrica Portugal. Ontem afiliu à sede do sindicato grande número de queixas, auxílio esse que muito vem encorajar os camaradas em luta. Pedem-se a todos os camaradas que ainda tenham em seu poder algumas

coas e Viana de Castelo satisfazem também não só esta comissão como a orientação da organização marítima.

Quanto aos primeiros pedem para que seja abolido o imposto de 11% sobre o pescado e ainda o pagamento do ad-valorem, e o pagamento por cada metro de tranqueira quando de secagem de peixe. Os marítimos de Viana de Castelo e Póvoa de Varzim, reclamam contra o abuso das tranqueiras e uso de dinamite, e também contra o facto de estarem por tempo indeterminado navios estrangeiros, que se empregam na pesca clandestina, a fazerem vendas de vestuário recebendo em troca sardinhas, em grande quantidade que transportam para os seus países.

A comissão volta novamente a lembrar aos sindicatos - que lhes enviou a cota de adesão, nomes dos delegados ao Congresso, e os trabalhos que pretendem apresentar.

Na próxima terça-feira, às 9 horas da manhã, reúne a comissão para ultimar algumas teses, não devendo faltar os seus componentes. A comissão aguarda a resposta dos marítimos do Funchal, e fatal para onde seguiram por não própria officios sobre o Congresso.

VIDA POLITICA  
Centro Socialista de Lisboa.  
Reúne depois de amanhã a assembleia geral para continuação de trabalhos.

## Aos Metalúrgicos

Apelo do S. U. Metalúrgico de Marinha Grande

Constante que o sr. Carlos Salgueiro Galo pretende, em Lisboa e Póvoa, convidar operários a trabalharem nesta localidade, onde há metalúrgicos desempregados, este organismo apela para que nenhum camarada aceite tal convite, pois o referido industrial persegue os mesmos operários, em virtude de pertencerem ao número dos que sabem cumprir os seus deveres de sindicalizados. E' que os senhores industriais esquecem-se de que, quanto mais vinganças praticarem, mais avivam a revolta no espírito daqueles que ainda se mostram indiferentes ante as ideias de renovação social que não de empregar a humanidade que trabalha.

## Federação Metalúrgica

Este organismo reforça o apelo do S. U. Metalúrgico de Marinha Grande, confiando em que nenhum componente da classe se preste a ir trabalhar para aquela localidade, enquanto lá houver metalúrgicos em «cobrança» forçada.

## Trabalhadores de Imprensa

Não tendo havido número para a assembleia geral extraordinária da Associação de Trabalhadores de Imprensa, convocada para sexta-feira, foi feita segunda convocação para o dia 26 do corrente, às 17 horas, devendo funcionar com qualquer número. A ordem do dia é examinar a necessidade de se reformarem os estatutos e eleger os delegados da União dos Sindicatos Operários e a Federação do Livro e do Jornal.

## Pela organização dos trabalhadores da indústria de conservas

Uma sessão em Cascais  
CASCAIS, 17. — Reúniu a classe dos soldados desta vila, com uma assistência regular, no Sindicato Único dos Operários da Indústria de Conservas.

Aberta a sessão foi apresentado pelo secretário do sindicato, Alvaro Santos, os delegados da comissão organizadora da Federação da Indústria de Conservas, Januário da Conceição Sabino e António Fontinha de Castro, da Associação dos Soldados de Setúbal.

Fez uso da palavra o camarada Januário, que fez extensa a classe da lista de união dos sindicatos e da forma como deviam entrar na Federação.

Por fim procedeu-se à nomeação de um delegado para assistir ao 1.º Congresso Nacional de Indústria, sendo nomeado o camarada Alvaro Santos.

A classe ficou muito satisfeita com os camaradas delegados.

## Universidades, Academias e Escolas

Empregados menores do Comércio e Indústria. — Estão abertas as matrículas para as aulas de instrução primária para sócios e filhos, na sua sede na rua António Maria Cardoso, n.º 20, 1.ª, todas as noites das 21 às 0 horas.

## PRESOS

Encontram-se presos, como sempre, por estarem soltos, Arsenio Felipe e Alberto Silva. Consta-nos que se encontram na esquadra das Moinhas.

## Pré-solidariedade a Manoel Ramos

A comissão pré-solidariedade a Manoel Ramos, de Coimbra, previu todos os camaradas, sindicatos e outros organismos a quem enviou listas, para que não descurassem o assunto.

Mais previne esta comissão que toda a correspondência, importâncias, etc., devem ser enviadas ao camarada Laureano Pinto, rua da Moeda, 48, 2.ª, Coimbra.

## Manoel Ramos

Penalva do Castelo. — Dr. João de Almeida. — Vimos enviar a cobrança, recibo de esc. 12900, de Abril a Setembro. Agradecemos pagamento.

Panóia. — F. Diogo. — Ficou pago até 30 de Novembro p. l. Seguem os números pedidos.

Mina de São Domingos. — Agente. — Recebemos liquidação. Os livros seguem há dias por encomenda postal. O auxílio dos 3 amigos será publicado na próxima altura.

Lagoa. — J. C. Catão. — Recebemos 45\$00 para Valinha.

Ajustrel. — José Godinho. — Não temos os livros pedidos.

Funchal. — M. R. P. Gonçalves. — Recebemos carta e vale. Segue por estes dias o vosso pedido.

New Bedford. — C. E. Fernandes. — Estamos tratando da vossa encomenda.

Reims-França. — D. Teixeira. — Recebemos vale de 115 francos. Quebre será publicada na próxima altura. A assistência ficou paga até fim de Outubro.

Operários electricistas  
Reúne ontem a comissão eleita na última assembleia para estudar a forma de reorganizar a classe e de estudar a maneira de debelar a crise que está estendendo-se sobre a classe. A reunião foi muito proveitosa, tendo-se ocupado de vários assuntos que interessam a missão que foi incumbida e resolvendo voltar a reunir na próxima quarta-feira.

## Situação dos presos

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem esteve este Secretariado novamente na P. S. E., juntamente com a família do operário cerpinteiro Luis dos Santos Oliveira a fim de tratar da sua libertação, pois em consequência de uma falsa denúncia se encontra cercado da liberdade vai para um mês, já incommunicável em esquadra, depois para o governo civil e por último enviado por engano para a Trafaria juntamente com os presos políticos, de onde deveria ter saído ontem para o governo civil a fim de ser posto em liberdade, não se efectivando essa libertação em consequência do referido operário se encontrar ainda no presidio da Trafaria prometendo-nos o adjunto da P. S. E. de que na segunda-feira seria enviado para o governo civil a fim de ser tratado do caso convenientemente.

Também o Secretariado esteve no Limoeiro a tratar da situação dos entregues ao governo há mais de 18 meses ficando de na corrente semana avistarem-se com as entidades que fazem parte da comissão prisional sobre os indultos a dar por ocasião do aniversário da república.

Sobre a situação dos operários presos Alberto Silva e Arsenio José Felipe, continua a não se saber onde a policia os tem retidos o que ocasiona uma grande indignação principalmente por parte das famílias que nos procuram com uma inquietação muito natural nestes casos, porque não faz sentido que a policia tenha sequestrado indivíduos sem ao menos a família saber do seu paradeiro, pois sabendo da forma como actualmente são tratados os presos com as habituais meiguices tão nossas conhecidas.

Devido à falta de comparência de alguns indivíduos convidados a comparecer à reunião do Secretariado, ontem a mesma para segunda-feira, devendo comparecer os indivíduos indultados na primeira convocação.

Previne-se o dr. Sobral de Campos, deste Secretariado, de que tem aqui muita correspondência e algum expediente a fim de dar alguns esclarecimentos.

HOJE — Último domingo

TEATRO APOLO  
da célebre peça

O Combóio n.º 6  
QUINTA-FEIRA — a formidável peça

OS MINEIROS  
MARCAM-SE BILHETES

Refinadores de açúcar  
Nota officiosa do sindicato

Reúne esta colectividade, para apreciar os últimos factos passados em diversos refinarias. Assim, o proprietário da Refinaria Ultramarina a pretexto de não ter ramais para fabrico não readepta todo o seu pessoal.

Isso demonstra a vontade dos industriais em continuarem encarnecendo o operariado, pois quando acedem ao acordo de darem mais 3900 de aumento já era de caso pensado, por sabermos que não tinham açúcares (se é que os não têm) para mais duma ou duas semanas.

Encontram-se, pois, desempregados dezenas de operários que vivem a miséria entrar-lhes rapidamente no lar, por um dos frequentes caprichos dos industriais. Registam-se mais as seguintes fábricas que estão fechadas:

Refinaria Brasileira Exportadora, Limitada; Sociedade Refinadora, Ltd.; Companhia Industrial Portuguesa, Limitada; Refinaria Estréla, Ltd.; e Refinaria Fonte Santa.

Em face desta paralização forçada, por interesses industriais, não poderia o sr. ministro do trabalho, de combinação com o comissário geral dos abastecimentos reabrir essas fábricas, com açúcares por conta do Estado? Desta forma lucrariam os operários, que guardariam a sua miséria, e o Estado que teria a pagar puramente refinado e muito mais barato para vender ao público.

Achamos que é um caso para estudar e resolver rapidamente.

A classe continua em sessão perna nente.

Classes que reclamam

Manipuladores de pão  
Reúne amanhã, pelas 17 horas, os manipuladores de pão para tratar do despedimento dos fiscais que a Companhia Nacional de Alimentação pretende levar à prática. A reunião efectua-se na rua Caetano Palma, 18, 1.ª-D.

GRÁFICOS  
DESEMPREGADOS

A comissão nomeada em assembleia geral para dar execução à proposta sobre o ratório do trabalho convidou os componentes da classe dos compositores tipográficos, e muito especialmente os quadros dos jornais, a reunir amanhã, pelas 18 horas, a fim de serem apreciados os seus trabalhos e resolverem também sobre a situação dos colegas que ainda ficaram desempregados.

Novela Contemporânea  
Conheceu ontem a publicação, com um interessante trabalho de Reinaldo Ferreira, intitulada «O Segredo dos reis de Portugal», a coleção «Novela Contemporânea», que surgirá todos os sábados com um trabalho dos melhores novelistas portugueses e estrangeiros.

## Eden Teatro

HOJE: DOMINGO  
A'S 21,45 DA NOITE

Irrevogável despedida  
da slumbrante revista

Fruto Proibido  
que cede o lugar à mágica

O Bolo Rei  
de Ernesto Rodrigues, Félix Bernardes, João Bastos, e Henrique Roldão

SUSPREZAS e ATRAÇÕES  
neste espectáculo excepcional de

— DERRADEIRA DESPEDIDA —

## FUNCIONALISMO PUBLICO

Nota officiosa da Associação do Pessoal Menor do Estado

A Associação de Classe do Pessoal Menor do Estado, vem a público declarar, para os devidos efeitos, que nada tem, absolutamente, com uma notícia inserida em «O Mundo» e outros jornais de ontem, em que se diz que uma comissão do pessoal menor dos ministérios entregou ao governo uma tabela de percentagens, para todo o funcionalismo, porquanto, a pesar da nova lei de melhorias apresentar já de si grandes anomalias e disparidades, entre as várias categorias do pessoal menor a tabela que dizem ter sido entregue ao governo, mostra diferenças estabelecidas, como tal, lavra esta associação o seu mais veemente protesto contra tais notícias que mais vêm estabelecer o funcionalismo entre as classes do funcionalismo.

DEFENDA  
os seus interesses

Poupe o seu dinheiro  
comprando todas as suas fazendas para fatos e vestidos só nos depósitos dos fabricantes

Donas, da Covilhã  
porque são os únicos que as fabricam e vendem directamente ao público, por preços barataíssimos.

Em Lisboa-R. dos Fanqueiros, 187, 2.ª  
No Porto-R. Fernandes Tomás, 392-A  
Peçam amistosamente a DONAS & C.ª  
Fabricantes de Lanifícios - COVILHÃ

SECCÃO TELEGRAFICA

C. G. T.  
SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Setúbal — Trabalhadores das Fábricas de Conservas — Era conveniente mandar auxílio do Lino Leandro.

Faro — U. S. O. — Vamos enviar officio sobre o assunto, pedindo, de futuro, cuidado com a solidariedade prestada.

Porto — Metalúrgicos — Vamos responder ao vosso officio.

Federações  
CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Parede — No officio ultimo, enviado, citava realção do conselho para terça-feira, mas por motivo de força maior passa a reunião a efectuar-se na quinta-feira.

Sindicato da Indústria de Conservas de Portimão — Recebemos officio e dinheiro. Vamos officiar.

ARBITRARIEDADES!

Estão presos e incommunicáveis em S. Julião da B. e Trafaria, há 7 dias, vários officiaes, praças e civis que se dizem estarem implicados no movimento da madrugada de 12.

Acontece que, nos termos da lei geral, do que está estabelecido na Constituição Política da República e no Código do Processo Criminal Militar, só podiam estar incommunicáveis durante 48 horas!

Pois até à data nem sequer foram oulidos, continuando na mesma situação! Não têm disto conhecimento os sr. ministros da Guerra e do Interior?!

Certamente o ignoram, pois, se o soubermos, fariam cumprir a Constituição e as leis.

E' verdade que, nesta República, a Constituição e as leis são... ao paladar de quem governa!...

E que o d'g'm os operários tantas vezes vítimas do arbitrio.

Pessoal da Companhia União Fabril

Tendo sido entregues à direcção da Companhia as reclamações formuladas pelo seu pessoal metalúrgico, convidamos o mesmo a reunir na próxima terça-feira, pelas 20 horas, a fim de apreciar a resposta dada pela mesma direcção.

Horário dos comboios

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, comunica-nos que a partir de 20 do corrente são válidos para o comboio transway n.º 1407 do horário em vigor, que parte de Lisboa-Rosário às 7.44 e chega a Sacavém às 8.22, os bilhetes semanais e mensais de assinatura de 3.ª classe de artigo 4.º da tarifa especial n.º 14 de grande velocidade.

## Vida Sindical

Comité Confederal

Reúne depois de amanhã, pelas 21 horas, para assunto do maximo interesse.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Trabalhadores Rurais — Comissão Administrativa. — Reúni em 16 do corrente e aprova um expediente, entre ele um officio de José Salema que foi tomado em consideração, sendo resolvido dar-lhe as informações pedidas.

Também foram apreciadas as respostas de alguns sindicatos sobre a circular que lhes foi enviada referente ao congresso sendo resolvido que os officios baixem a comissão organizadora do congresso assim como prevenir todos os sindicatos de que devem responder o mais breve possível à citada circular a fim da comissão organizadora compor a organizar os trabalhos para o congresso.

S. U. Mobilário. — Reúni a assembleia geral deste organismo, que nomeou Manuel Peres e Manuel Cariano da Silva como delegados à U. S. O. Apreciam uma carta enviada pelo comitê da sede em que expunha a sua situação física e material.

Depois de largamente debatido, foram nomeados Alfredo Marques, Manuel Peres e João R. Matias com a incumbência de ngariar donativos para o mesmo.

Foguetes de Mar e Terra. — Foi mais uma vez aprovado em assembleia magna, depois de terem usado da palavra vários delegados da Federação Marítima, que se continue a prestar como já se tinha prestado, a solidariedade moral e material aos camaradas captaes da pesca em luta com os armadores. Foi também aberta uma queta a favor dos camaradas presos por questões sociais, e de A Batalha, que rendeu a quantia de 70\$15.

Officiaes da Marinha Mercante. — Reúni a assembleia geral, tendo resolvido continuar com a greve dos capitães da pesca até completarem a satisfação das reclamações feitas.

Mechanicos em madeira do ramo de tanatorio. — A fim de tratar do respeito ao horário de trabalho pelos camaradas que trabalham na casa Vasconcelos e apreciar a conduta dos membros da comissão administrativa demissionária, reuniram na passada terça-feira em assembleia geral os componentes desta classe. Resolvem-se convidar os camaradas que na citada casa trabalham a respeitarem a jornada de 8 horas de trabalho, tendo em atenção que a classe atravessa uma angustiosa crise, que a prolongar-se irá agravar ainda mais a miséria dos trabalhadores desta especialidade.

Resolvem-se iniciar-se desde já uma actividade propagandística de obter a que indivíduos pertencentes a outros mistérios concorram inconscientemente para a péssima situação que a classe atravessa, imiscuindo-se em serviços que não lhes diz respeito.

Depois das justificações dos camaradas da comissão administrativa demissionária e de se constatar a falsidade das acusações que indivíduos mal intencionados lhes moviam, foi aprovado por unanimidade, não aceitar a demissão pedida por esses camaradas, ratificando assim a classe toda a sua confiança nos corpos directivos. Ficou exarado na acta um voto de lavoura à comissão administrativa provisória, ficando assente passar a electuar as terças-feiras, pelas 19 horas, as reuniões ordinárias da comissão administrativa.

CONVOCAÇÕES

Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos. — A pedido da Comissão de Melhoramentos é convocada a assembleia magna de todos os elementos do pessoal menor, sócios e não sócios da associação de classe a reunir pelas 16 horas de hoje, 21, na rua da Madalena n.º 91, 2.ª, a fim de a mesma dar conta dos seus trabalhos realizados até à presente data.

Cocheiros a Anexos. — Reúni extraordinariamente, na próxima sexta-feira, 26, pelas 21 horas, na sua sede social, a fim de tratar de assuntos indaáveis e do maximo interesse para a classe.

SINDICATOS

DA PROVINCIA



CALENDÁRIO DE SETEMBRO



## Fatos completos



Actualmente liquidação de saldos das estações anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativ, A SOCIAL



ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: - Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 1.º-A

2.º Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: - Rua do Arco Marquês de Alegre, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Para conseguir cabeleiras assim



Usae o Oleo de Mão de Uva

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa. 50 anos de vinda asseguraram os seus bons efeitos. Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

Perfumaria Mendonça

43, CALÇADA DO COMBRO, 47

LISBOA

António Fraga, S.º

Ouvires-Joalheiro

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e frequentes que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria, por preços com os quais ninguém pode competir, embora haja quem se incomode por eu estar vendendo tão barato. Peço uma visita à minha casa. Confrontem a qualidade e a brilhante e os seus preços, e verão depois quem melhor e mais barato vende. Tenho sempre artigos em 2.ª mão renovados com pouco custo.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a Rua da Palma.

Esmalte Inglês

SUPERIOR em 44 cores

QUALIDADE ESPECIAL PARA AUTOMOVEIS

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

TINTA DE ESMALTE ROUTTAND AMARELO-CINZENTO AZUL-COR DE ROSA SALMÃO-CORAL

Preço por quilo 15\$00, em latas de 1 quilo, 1/2 quilo, 250 e 100 gramas

A. Vincent - Rua Ivens, 56 - Lisboa

Lenhas de sobro e azinho

SECAS, postas à porta do freguês a 22 centavos o quilo. Pinhas, cubos para carroças, maços para calceteiros. Pedidos a António F. da Cruz, Largo do Conde Barão, 40. - Telef. C 1245.

Pedras para isqueiros

A melhor marca do mercado - Redondas ou em prancha - Fornecidas aos quilos ou em envelopes com 100 ou em tubos de vidro

Pedidos ao importador: J. V. Oliveira Júnior

Rua da Prata, 178, 1.º

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina" 24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina" E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00 - - - - -

"Reumatina" Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico E' o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas ecentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral: A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 - PORTO

grande baixa de calçado

só com o lucro de 10%

NA - SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30\$00

Sapatos em verniz 38\$00

Botas pretas, (grande salto), 48\$50

Botas brancas, (saldo), 28\$00

Grande salto de botas pretas 58\$50

Botas de couro para homem 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa. Ver bem, pois só lá se encontra bom e barato. A SOCIAL OPERARIA é na rua dos Cavaleiros, 13-20, com Filipe na mesma rua n.º 69.

PURGAÇÕES

PROSTATITES

Curam-se radicalmente na Farmácia Ultramarina - Rua de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes curam-se sempre.

## ALIANÇA

A MELHOR MARCA DE

Bolacha

Biscoito

Chocolates

Confetarias

Açucares

Massas

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

LISBOA-PORTO

## Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

## SISCOLIN

PENSÃO MODELO

Rua José Falcão, 21, 1.º

(a Almirante Reis)

(A verdade?) Não há outra melhor! Todos afirmam, ótima comida, acaada e farta; quartos lindíssimos e bem mobiliados; esplêndida casa de banho. Jantares ao domicílio com sopa e 3 pratos desde 7\$00. Recebe pensionistas, as semanas, quinzenas e meses; ótimo local. Ver e crer. Os proprietários

AGRADECEM

A's fábricas de calçado e armazens de cabedais

PESSOA séria, conhecedora do artigo e boas referências, encarrega-se de vendas à comissão, tem escritório e armazem próprio, para calçado e cabedais. (Informações). Rua Arco Marquês de Alegre, 78, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.

A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem for sócio ou confederado na C. G. T. ou assinante de A Batalha e suas famílias.

Funerais nos Hospitais, Morgue e particulares. Trasladações-córdas. Preço muito reduzido por possuir todos os utensílios. - Telef. 78-Bahica. - R. Alves Correia, 189 (Vulgo São José). Empregado a qualquer hora da noite.

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

Alfaiataria

CAMPOS, PALMA, L.ª

Fazendas nacionais e estrangeiras. Bom corte e esmerado acabamento pelos últimos figurinos.

FATOS A FEITIO DESDE 180\$00

Rua do Registo Civil, 9 a

(AO INTENDENTE)

PEDRO KRATKINE

O Estado E O SEU

papel histórico

Brochura com 120 páginas ao preço de 1\$00 pelo correio 1\$70. Pedidos à administração da BATALHA

A MULHER DE LUTO

(EM VERSO) por GOMES LEAL

Preço 20\$00, pelo correio registado 22\$

Pedidos à administração de A Batalha

## Valério, Lopes &amp; Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metais, cutelarias, talheiros, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para móveis

Chapa ferro preta

e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

TELEFONE 3930, N.º 1, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 - LISBOA



JUNGHANS - RADIUM

UNICOS IMPORTADORES

COTRINS & APONSO, L.ª

Lisboa - Rua da Prata, 173, 1.º

Despertadores, Relógios de parede e mesa, Carrilhões, Relógios de bordo e automóveis e de bolso.

Papel "Águia de Ouro"

E' o melhor papel de fumar para os trabalhadores

Excelente apresentação, em livrinhos de 120 folhas

PEDIR EM TODA A PARTE

Rua dos Douradores, 177, 1.º

António Fraga, S.º

Ouvires-Joalheiro

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e frequentes que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria, por preços com os quais ninguém pode competir, embora haja quem se incomode por eu estar vendendo tão barato. Peço uma visita à minha casa. Confrontem a qualidade e a brilhante e os seus preços, e verão depois quem melhor e mais barato vende. Tenho sempre artigos em 2.ª mão renovados com pouco custo.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a Rua da Palma.

Esmalte Inglês

SUPERIOR em 44 cores

QUALIDADE ESPECIAL PARA AUTOMOVEIS

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

— Como, bom irmão Loysik?

— Cedo ou tarde, o que nós fizemos no vale de Charoles far-se-á há nas outras províncias, o velho sangue gaulês não dormitará; algum dia nossos filhos, contando-se uns aos outros, finalmente, dirão também aos senhores e aos bispos, a pesar do seu poder: Reconhecem os nossos direitos e nós reconheceremos o poder a que se arrogam; aliás, guerra, guerra de morte!...

— E entretanto, Loysik! exclamou Ronan, vergonha e iniquidade!... ter de reconhecer esse poder amaldiçoado nascido de uma conquista espoliadora e sanguinolenta! ter de reconhecer esse direito do roubo e do assassinio! a opressão da raça galesa pela raça franca!...

— Irmão, eu também deploro tanto como tu essas desgraças, mas que devemos fazer? Ah! a conquista e a Igreja, sua cúmplice, pesam na Gália há mais de um século, elas têm feito brotar nela profundas raízes. A nossa descendência terá de contar com esse poder fortalecido pelos anos; ela deverá forçosamente reconhecê-lo, sempre reivindicando, pela força, se assim for mister, uma parte dos direitos de que nossos avós foram deserdados pela conquista. Mas que importa, meus amigos! dado este primeiro passo, outros se seguirão sem dúvida; mas de cada um desses passos, assinalado pelo nosso sangue, a nossa raça se aproximará cada vez mais da libertação... Sim, chegará finalmente esse belo dia profetizado pela Grande Vitória, esse belo dia em que a Gália, pisando aos pés a coroa dos reis francos e a tiara dos papas de Roma, se levantará altiva, gloriosa e livre. Tenham confiança no futuro!...

A notícia da chegada de Loysik, voando de boca em boca, fez com que espontaneamente viessem a comunidade todos os habitantes do vale. Festejaram este dia com uma alegre cordialidade; ele assegurava novamente o repouso, os bens e a liberdade dos frades do mosteiro e da colónia de Charoles

Eu, Ronan, filho de Karadeuk, terminei esta última narração dois anos depois da morte da rainha Brunehaut, no fim das calendas de Outubro do ano de 615. Clotário II continua a reinar em toda a Gália como tinha reinado sozinho seu bisavô Clovis e seu avô Clotário I. O assassino dos netos de Brunehaut não desmente os sinistros começos da sua vida. Contudo, a carta real e a carta episcopal, relativas à colónia e à comunidade, têm sido até hoje respeitadas. Meu irmão Loysik, a minha boa velha pequena Odila, a bispa e o meu amigo monjeiro, continuam a desafiar a idade pela saúde de que gozam.

Encarrego o filho de meu filho de levar esta narração aos descendentes de Kervan, irmão de meu pai, e como é filho de Jocelyn... A Bretanha continua a ser a única província da Gália que até agora se tem conservado independente; ela repeliu os ataques de Clotário II, do mesmo modo que repeliu os dos outros céis.

Meu neto chegará incólume, como espero, ao berço da nossa família situado junto das pedras sagradas de Karnak, como eu cheguei quando fiz essa devota peregrinação, há cinquenta anos.

Consigno nesta folha um facto importante para a nossa família, dividida em dois troncos, um que habita na Borgonha, o outro na Bretanha. Nestes tempos de guerra civil e desordem, a paz e a liberdade de que gozamos podem ser violentamente atacadas; os nossos descendentes saberão, como espero, preferir antes a morte do que tornarem-se escravos; mas se por fraqueza tivessem de succeder semelhante desgraça, se acontecimentos imprevisíveis se opuzessem a uma heroica resolução, se a nossa raça devesse novamente afrontar a servidão e ser conduzida para longe, cativa, tornar-se-ia útil, prevenindo infortúnios, ah! sempre possíveis, que todos os membros da nossa família usassem um sinal de reconhecimento, impresso no braço por meio da ponta de uma agulha em brasa e molhada no suco da bagas de alfeneiro; a dor não é grande e

a pele delicada das crianças recebe e conserva para sempre esses vestígios indeléveis; as palavras galesas *Brenn* e *Karnak*, palavras que recordam as gloriosas memórias dos nossos antepassados, deveriam ser escritas no braço direito de todas as crianças da nossa descendência, e sempre assim de geração em geração... Quem sabe se não sucederão no correr dos séculos encontros tais, que a nossa família, agora dividida em dois troncos, possa achar neste sinal convencional o meio de se reconhecer e de mutuamente os seus membros prestarem socorro uns aos outros?

E agora, filhos! que lèdes estas narrações ditadas como as outras legendas de nossos avós pelo desejo abrasador em vós o santo amor da pátria, da família, o horror do jugo dos conquistadores, e a esperança de quebrar um dia esse jugo odiado, ó filhos nossos! que a moralidade das aventuras da minha vida, da de meu pai Karadeuk e de meu irmão Loysik, nunca seja esquecida de vós; possa o exemplo e a experiência, a esperança e a coragem que nelas se revelam, alimentar nos corações dos nossos descendentes o abrasador amor da pátria.

## O OURIVES BONAİK

(615 a 793)

CAPITULO I

OS ARABES NA GÁLIA

Eu Amael, para cumprir o voto do nosso antepassado Joel, o *brenn* da tribo de Karnak, escrevi as seguintes narrações: Nascido no ano de 712, meu pai chamava-se *Guen-ael*, meu avô *Wanoch*, meu bisavô *Alan*, filho de *Gregório*, neto de Ronan o *Uagro*, falecido em 616, no vale de Charoles, pacífica colónia, onde ao abrigo de guerras civis, que assolavam a Gália, a descendência de Ronan viveu livre e feliz até 732. Nesta época, os árabes, desde muito tempo estabelecidos no meio da Gália, invadiram a Borgonha, saquearam e incendiaram Chalons no Saone, assolaram o vale de Charoles, e escravizaram os poucos habitantes que tinham sobrevivido a uma defeza desesperada.

Durante o cento e vinte anos que decorreram entre a morte de Ronan e o ano de 737, em que começa esta narração, dez reis da raça de Clovis reinaram na Gália, a saber:

Clotário II, justiceiro de Brunehaut, que morreu em 638; Dagoberto I, em 638; Clovis II, em 660;